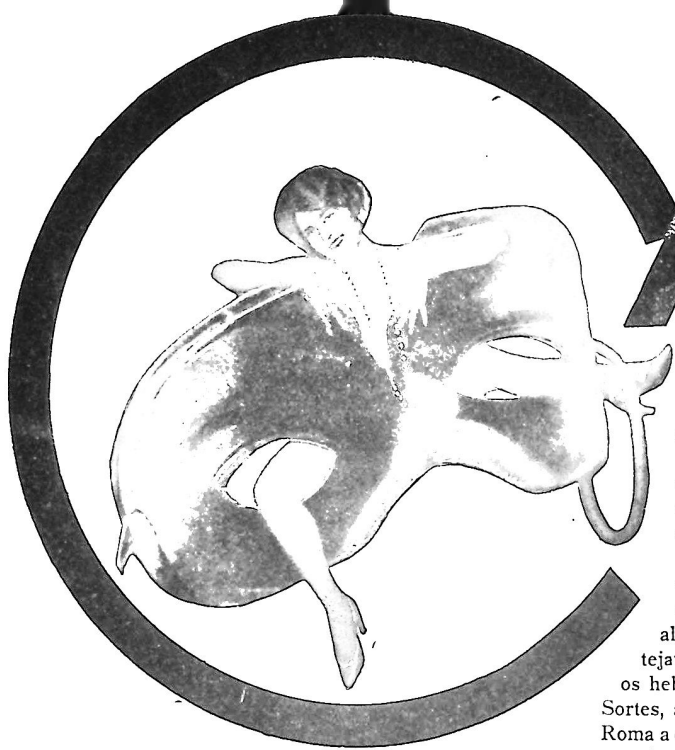




ARNAVAL

ANTIGO E MODERNO

mesma forma Entrudo — *Introito* — significa «entrada na Quaresma». Vem dos povos das mais antigas civilizações esta espécie de festejos alegres. Os egípcios festejavam Isis e o touro Ápis, os hebreus tinham a festa das Sortes, a Grécia a das Bacanaís, Roma a das Lupercaís, Saturnaís, etc. Estas festas consistiam em

festins, músicas barulhentas, dansas, mascaradas e divertimentos libertinos. Os gauleses, por sua vez, faziam festas análogas. A mais notável era a Colheita do agárico.

A necessidade da expansão súbita dos instintos grosseiros, esta explosão de doidice passageira, estão tanto na índole humana, que nem a Igreja pôde opor uma completa resistência à sua realização. Pelo contrário, procurou dar-lhe satisfação duma maneira inocente, instituindo festas litúrgicas, tomando a direcção de festejos como, na Idade Média, a festa dos Doidos, a dos Inocentes, a do Burro, etc.

A quadra do ano consagrada à celebração das festas pagãs foi adoptada

CARNAVAL! CARNAVAL!

Esta palavra mágica, que soa aos nossos ouvidos como um alegre tilintar de guisos, um matraquear barulhento de castanholas, e que é um resquício do paganismo, lembrando desenvolturas de bacantes, festas em honra de Pan, folias e excessos de saturnais, é derivada do latim *Carnevalet*, que queria dizer «supressão de carne» ou «adeus carne!»

Para refrear a alegria demasiado livre das Lupercaís, — festas pagãs, — a Igreja, não podendo suprimir a festa, tentou revertê-la à sua feição original, celebrada na véspera da Quaresma. Assim, trocaram o seu nome pagão pelo de *Carnevalet*, do qual depois se fez *Carneval*, *Carneval* e finalmente Carnaval. Da

pelos cristãos; assim, o Carnaval começava primitivamente a 25 de Dezembro, abrangendo portanto as festas do Natal, do Ano Bom e a dos Reis.

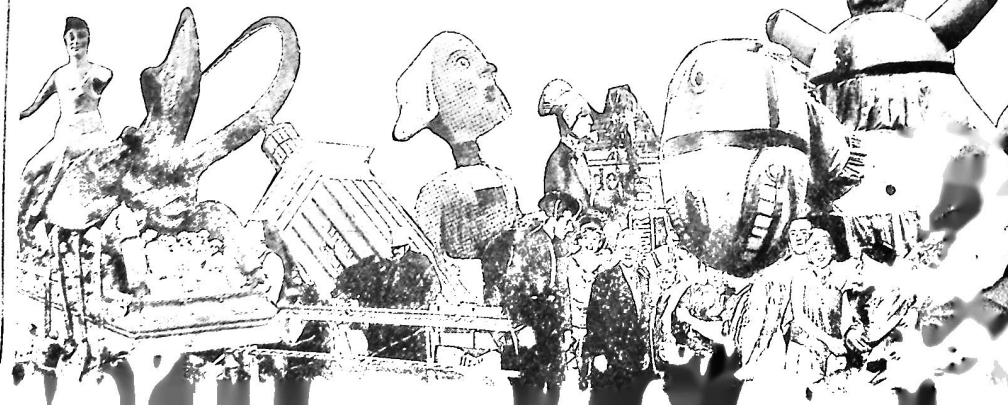
Na antiga civilização assim como na moderna, o característico destes festejos é o deslocamento fictício das classes, a igualdade entre toda a gente, e as brincadeiras e liberdades que nessa época são permitidas.

O Carnaval na Idade-Média, menos dissoluto que o da antiguidade, era ainda muito trivial e grosseiro.

A corte de França é que inaugurou os bailes de máscaras.

Foi, por sinal, num desses bailes que houve uma tentativa de assassinio contra o Rei Carlos VI, que estava mascarado.

A influência da Itália nos séculos XV e XVI pôs em moda as mascaradas públicas.





Um carro alegórico apresentado no último Carnaval da Côte d'Azur.

A Itália foi na verdade a pátria do Carnaval. Em nenhum outro país ele se rodeou em tanto luxo, grandeza e de tão dourada opulência! Os Carnavais de Roma e de Veneza deslumbraram o Universo com a riqueza fantástica das suas exibições, e tornaram-se célebres desde os mais remotos tempos do catolicismo. Estes festejos faziam convergir para essas duas cidades a gente rica de toda a Europa. Ali circulava ininterruptamente uma torrente fúscante de ouro.

Alguns papas fulminaram o Entrudo com terríveis excomunições, ameaçaram os povos com todos os terrores do inferno, protestaram contra o Carnaval em encíclicas cheias de cólera, mas nunca conseguiram destruir o culto que a essa festa se dedicava.

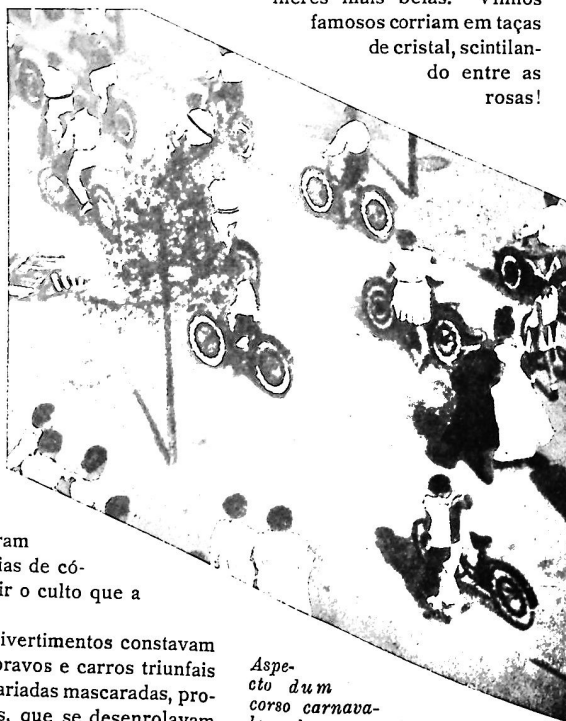
Na cidade Eterna, até 1506, esses divertimentos constavam de jogos florais, corridas de touros bravos e carros triunfais nas arenas romanas, tumultuosas e variadas mascaradas, procissões gigantescas, civis e religiosas, que se desenrolavam

através das ruas, entre a vèemente alegria da população.

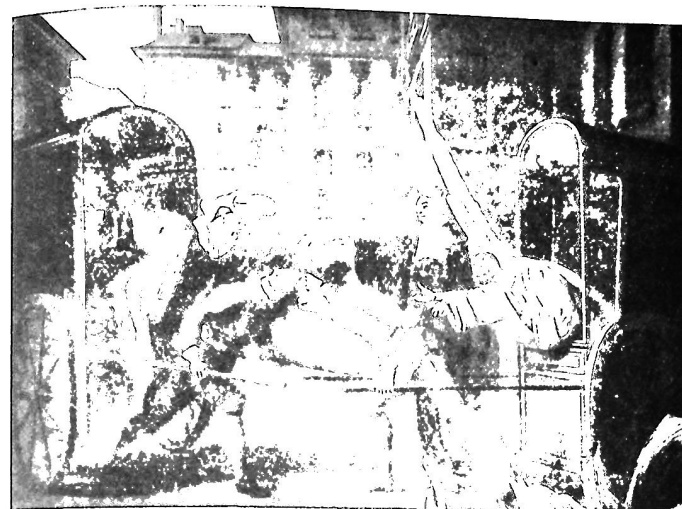
Sob o pontificado de Paulo III, especialmente, o Carnaval atingiu uma fama brilhante e inegalável.

Viram-se em Roma cavalgadas esplêndidas, dirigidas por altas personagens da aristocracia, caçadas de animais ferozes em plena praça pública, representações teatrais com deslumbrantes cenários, resplandescentes de jóias, sedas, veludos e perfumes de flores maravilhosas, bailes de máscaras que davam brado pela sua sumptuosidade e graça decorativa.

Júlio III também ofereceu à nobreza romana movimentadas corridas, comédias, e festas prodigiosas no Capitólio para as quais eram convidadas as mulheres mais belas. Vinhos famosos corriam em taças de cristal, scintilando entre as rosas!



Aspecto dum curso carnavalesco dos nossos dias.

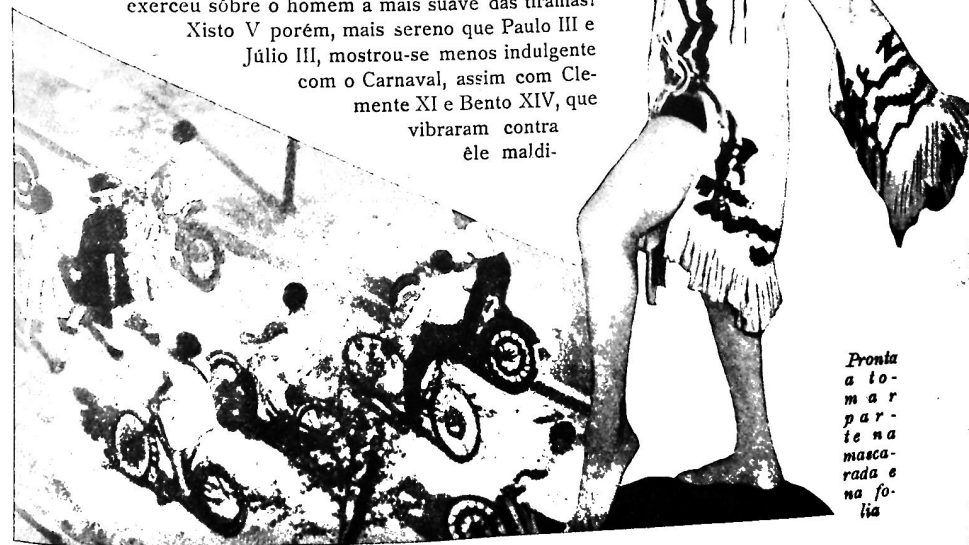


«Aspecto do carnaval nas ruas», quadro de Claude Gillot (1672-1722)

Quanto cardeais, esquecendo o seu Deus, embriagados por esta orgia de perfumes e riquezas, se renderam aos olhares amorosos e tentadores do efêmero feminino, que por toda a parte, e em todas as idades e civilizações,

exerceu sobre o homem a mais suave das tiranias!

Xisto V porém, mais sereno que Paulo III e Júlio III, mostrou-se menos indulgente com o Carnaval, assim com Clemente XI e Bento XIV, que vibraram contra ele maldi-



Pronta a tomar parte na mascarada e na folia

ções terríveis. Em todo o caso, foi só depois de Roma ser anexada violentamente à coroa de Itália pelo Rei Victor Manuel que o Carnaval italiano perdeu o seu antigo prestígio.

Ainda hoje a Roma contem-



«O antigo e célebre carnaval de Roma», quadro de Juan Antonio Benlliure

porânea festeja-o com uma grandeza que não se encontra em outra parte, com excepção de Nice.

O Carnaval de Veneza foi com certeza mais célebre e mais concorrido que o de Roma, talvez pelo facto de ultrapassar em libertinagem e por durar a maior parte dos meses de inverno. A sua riqueza era incomparável.

À noite, nos canais, ao clarão da lua, ou sob a luz indecisa das estrêlas, vogavam gôndolas iluminadas, com as suas tripulações de mascara-

dos, de músicos e remadores, enchendo a laguna de barcarolas e de canções de amor. Na cidade havia ofuscantes iluminações e queimavam-se os mais vistosos fogos de artifício. O luxo inexcedível, o constante deslumbramento dos

trajes, a afluência e sortilégio da beleza diabólica das corteزãs, tornavam o Carnaval de Veneza verdadeiramente incomparável. E, talvez mais do que nenhuma outra atracção, os jogos de azar, autorizados naquela época de folia, faziam com que ali se reunissem



Não é menos interessante este popular aspecto dos festejos carnavalescos na Holanda e Valónia, durante o século 16°. (Detalhe duma tela do pintor quinhentista Pieter Brueghel).



«Noite de carnaval num cabaret de hoje», composição de Rudolf Lipus

as pessoas mais ricas da Europa. Veneza, porém, perdeu nas lutas políticas e na guerra a sua independência. Só então empalideceu o seu Carnaval, que tanto inspirou artistas, compositores e poetas, e que serviu de tema para óperas, quadros e para um dos belos poemas de Lord Byron.

Hoje, por toda a Europa, apesar de várias tentativas, algumas com um certo resultado, para a sua ressurreição, o Carnaval deixou de ter a brilhante magnificência de outrora.

Ainda é Nice a terra que persiste

em organizar lindos e artísticos cortejos, charmariz dos nababos que têm a dita de passar o inverno na Côte d'Azur, ou que vão mesmo de propósito assistir a estes festejos sumptuosos.

Mas, na actualidade, onde o Carnaval desperta mais entusiasmo é sem dúvida no Rio de Janeiro. É esta verdadeiramente a única festa popular do Rio. Toda a gente sai da sua indolência habitual para o festejar, e de tal forma o Carnaval é ali magnífico, que já os ricos da Europa lá atluem em grande número para



Pictórico aspecto dum engraçado grupo de figuras grotescas, desfilar nas ruas de Nice, onde o carnaval é um dos maiores atractivos da capital da Côte d'Azur

o'presenciar, tal como acontecia dantes na Pérola do Adriático.

Os brasileiros gastam rios de dinheiro naqueles dias de prazer e divertimento. No sábado gordo surgem as primeiras máscaras; depois, vindos de todos os pontos da cidade, aparecem bandos com clarins e tambores anunciando a inauguração do reinado do estrondo e da folia. Daí em diante enchem-se as ruas do centro da cidade com um barulho ensurdecedor, de estroinice e regosijo, não faltando carros enfeitados com a maior fantasia, o saracoteio de dansas pitorescas, mascaradas riquíssimas, etc.

O aluguer das janelas das ruas principais, nas tardes de domingo e terça-feira, atinge preços fabulosos. Mas o mais interessante do Carnaval no Rio são os cordões. Há dezenas destes agrupamentos carnavalescos de várias categorias: cordões pobres de negros, cordões de mulatos, cordões de gente mais civilizada. São uma espécie das nossas antigas dansas, com a diferença de que aqui recolham dinheiro pelas ruas quando dansavam, e lá há as sociedades em que os sócios pagam durante o ano, para por essa forma adquirirem os trajes, instrumentos de música e a bandeira com que devem sair no Entrudo para festejar o Deus Momo Carioca.

É um costume histórico; foi uma tradição religiosa do povo que infiltrou este hábito em todo o Brasil.

E só por fetichismo, por ardor devoto, se compreende o heroísmo daquela gente que vai para a rua de manhã cedo e até à madrugada seguinte tange os adufes, canta até enrouquecer, e dansa num frenesim de doídice, correndo a cidade inteira, dum lado ao outro. Todos eles estão mais ou menos subordinados aos gran-

des clubs carnavalescos do Rio, e é praxe que os estandartes sejam depositados na redacção do jornal mais afecto ao Grupo.

A letra dos vários cantares busca a sua inspiração ora na política, ora na lenda e nas tradições, e exprime-se no calão mais pitoresco, ou na mais simples e clássica linguagem.

Na música, heróica ou sentimental há de tudo, fados, trechos de opereta e opera toadas de maxixe e melopeias das mais ordinárias.

Do livro *A Alma Encantadora das Ruas*, de João do Rio, transcrevemos uma letra de chula:

«Como és tão linda!
Como és formosa!
Olha os Destemidos
No galho da rosa».

Este Carnaval, louco e desenfreado, esta orgia dionisiaca de serpentinas, confeti, cortejos, cordões, automóveis, enchendo as ruas com o seu barulho ensurdecedor, é na verdade difícil de descrever, pelo assombro de cor, brilho, perfume e riqueza de que se compõe.

O Carnaval português nunca foi um Carnaval brilhante. No entanto, aqui há uns trinta anos, o Club dos Salsas organizava umas cavalgadas que tinham um certo brilho, assim como as do Club Tauromáquico.

Várias vezes dirigiu mascaradas o grande artista Rafael Bordalo Pinheiro, dando-lhe o cunho do seu génio humorístico, tão original e decorativo.

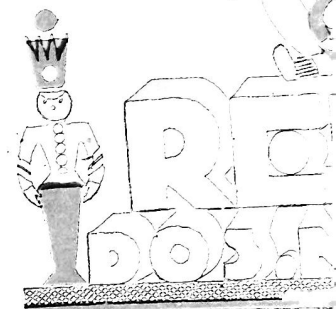
Agora os divertimentos da nossa cidade resumem-se a bailes particulares, e graciosas mascaradas de crianças, que, de há alguns anos para cá, são a única nota interessante na sensaboria duma época em que metade da humanidade se diverte e a outra se aborrece.

DESPEITO



MADAME SNOB — Nós fomos passar o Natal à Côte de Azur.

MADAME ULTRA SNOB — Pois nós também mandamos os nossos criados passar as festas do Ano Novo a Monte Carlo.



A Fada

— Desenhos



Os meninos nunca ouviram nome um pouco estranho.

O que posso garantir

Fada é encantadora, a muito de fazer partidinhas a quem para isso...

O que ela ri, quando vê um menino ou uma pequenita vaidosa, serem companheiros!

Como é Fada, tem o condão de que deseja, de maneira que é fácil peripécias que lhe deem sucedido.

É pena que esta gentil creatura conhecer, pessoalmente, aos leitos dos Múidos.

Muito se haviam de divertir com

Mas sucede que a Fada Risonha convívencia; prefere viver ignorada dos outros... depois de lhes dar

Em todo o caso, vou contar-lhe da sua vida tão original!

Certa manhã, andava ela a passar disfarçada em cabrinha branca — e nha! — quando encontrou um rapaz resolvera faltar à escola naquele dia, à mãe, já se vê.

Aquela hora todos os seres viv